

“Saldo de US\$ 5 bilhões só cortando petróleo”

por Riomar Trindade
do Rio

Um superávit comercial de US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões no próximo ano, resultado que permitiria reduzir o déficit em transações correntes para algo em torno de US\$ 8,5 bilhões, segundo as contas do governo, só poderá ser obtido se o País deixar de importar petróleo. Esta opinião foi manifestada pela economista Maria da Conceição Tavares, ontem, no Rio, ao analisar as medidas em estudos na área oficial visando à programação do balanço de pagamentos de 1983. “Portanto, logo se vê que isso é impraticável, a menos que o governo venha a adotar o rationamento de combustível, conforme se comenta muito em Brasília”, acrescentou a economista.

Conceição Tavares, intransigente defensora da renegociação da dívida externa brasileira, sustentou também que o corte indiscriminado de 4% nos investimentos públicos, previsto para o próximo ano, “é suicídio”: Na visão da economista, a redução de investimentos deve ser feita de forma seletiva, setorialmente. Conceição Tavares considerou uma “demência” a proposta de corte de 15% na folha de pagamento das empresas estatais, porque o governo, “que já não tem uma política de emprego, passará agora a também fomentar o desemprego”. No mesmo tom agressivo, Conceição Tavares criticou ainda a suspensão de importações de um grande número de produtos sem a contrapartida de um efetivo controle no mercado interno sobre os preços dos produtos proibidos de importar. “Isso é burrice”, afirmou.

APERTO

A economista foi ainda mais contundente ao abordar a política monetária do governo, que pretende promover um aperto ainda maior na oferta de moeda. A contração da liquidez, segundo Conceição Tavares, só interessa aos grandes bancos nacionais e internacionais, “porque a liquidez apertada não estimula a concorrência, e sem concorrência entre os bancos

as taxas de juros continuaram elevadas”.

As altas taxas de juros praticadas no mercado interno e no exterior são responsáveis pela drástica redução dos investimentos do setor privado, ao mesmo tempo que já se observa uma queda também no nível de investimentos do setor público, destacou a economista. Por isso, Conceição Tavares defende a expansão da oferta de dinheiro para reduzir as taxas de juros, “atualmente estipuladas pela política de cartel dos grandes bancos”. Ela considera que, quanto maior for o aperto sobre a oferta de moeda, mais rápido o País “passará da recessão para a depressão e a quebra de empresas”.

LIDERANÇA

Depois de afirmar que a atual crise mundial é ainda mais grave do que a grande depressão de 1930, Conceição Tavares condenou a “alucinada” política do governo norte-americano que, “para sair da crise interna, vai arrastando o resto do mundo à quebra deira”. Segundo ela, essa política dos EUA conta com o apoio da Europa, que “não consegue avançar sua economia para um planejamento socialista”, e com o da União Soviética, “inerte diante da crise mundial, com sérios problemas econômicos internos e de substituição de poder”. Conceição Tavares julga que a tentativa do governo norte-americano de manter sob seu controle a economia mundial não vai evitar o agravamento da crise econômica interna dos EUA.

Conceição Tavares disse que o “Brasil é um país viável”, mas considera indispensável que o governo “tenha a coragem” de liderar a renegociação coletiva da dívida dos países latino-americanos, embora entendendo que “o País já perdeu a oportunidade de renegociar em melhores condições”. Pelos cálculos de Conceição Tavares, da dívida externa brasileira de US\$ 80 bilhões, um total de US\$ 47 bilhões, acumulados nos últimos quatro anos, resultam da frequente elevação das taxas de juros no mercado externo e da queda dos preços dos produtos exportados.